



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDU
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA EAD

JAQUELINE PRICILA SILVA DE MIRANDA
LEILA CRISTINA MELO DA SILVA

RESGATE E VALORIZAÇÃO DA CULTURA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: RECORTE DE UMA EXPERIÊNCIA

OLHO D'ÁGUA DAS FLORES

2018

**JAQUELINE PRICILA SILVA DE MIRANDA
LEILA CRISTINA MELO DA SILVA**

**RESGATE E VALORIZAÇÃO DA CULTURA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: RECORTE DE UMA EXPERIÊNCIA**

**Artigo Científico apresentado ao Colegiado do
Curso de Pedagogia, do Centro de Educação da
Universidade Federal de Alagoas, na modalidade
a distância, como requisito parcial para obtenção
de nota final do Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC).**

Orientador: Ana Cristina de Oliveira Souza

OLHO D'ÁGUA DAS FLORES

2018

JAQUELINE PRICILA SILVA DE MIRANDA

LEILA CRISTINA MELO DA SILVA

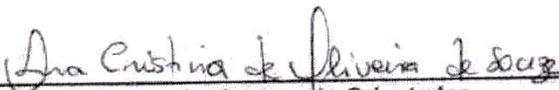
**RESGATE E VALORIZAÇÃO DA CULTURA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: RECORTE DE UMA EXPERIÊNCIA**

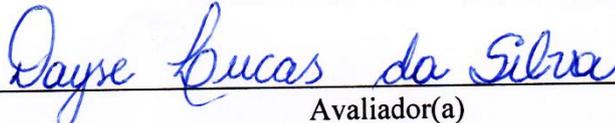
Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia a distância do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

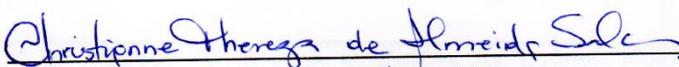
Orientador(a): Ana Cristina de Oliveira de Souza

Artigo Científico defendido e aprovado em: 14/04/2018.

Comissão Examinadora


Assinatura do Orientador


Avaliador(a)


Avaliador(a)

Olho d'Água das Flores - AL

2018

RESGATE E VALORIZAÇÃO DA CULTURA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RECORTE DE UMA EXPERIÊNCIA

Jaqueline Pricila Silva de Miranda
Email: jackpricila@gmail.com

Leila Cristina Melo da Silva
Email: cristinaleila9@gmail.com

Orientador: Ana Cristina de Oliveira de Souza

RESUMO:

Este artigo apresenta resultados adquiridos por meio de experiências desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), realizado numa escola municipal de Olho d'Água das Flores, tendo como foco principal o resgate e a valorização da cultura do brincar na educação infantil, uma vez que notou-se que muitas brincadeiras estavam sendo esquecidas no ambiente escolar. Esta pesquisa teve como objetivo o resgate e a valorização da cultura do brincar no ambiente escolar, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem das crianças. A metodologia está baseada na pesquisa qualitativa, por meio da pesquisa-ação, baseadas em (CHIZZOTTI, 2010). Os resultados têm mostrado que, diante dessas concepções é necessário que as crianças brinquem de diversas maneiras em grupo, sozinhas, com atividades espontâneas, pois o mais importante é saber que essa ação está desenvolvendo uma evolução individual.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Resgate e Valorização do Brincar.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados de pesquisa, obtidos a partir das experiências vivenciadas no estágio supervisionado, voltadas para a investigação das brincadeiras na aprendizagem das crianças, na Educação Infantil. O estudo foi desenvolvido numa escola da Rede Pública Municipal, em Olho d'Água das Flores, no Estado de Alagoas.

O interesse desta pesquisa, teve como objetivo, potencializar as interações, bem como a aprendizagem, favorecidas pelas brincadeiras, por meio das trocas de experiências, descobertas, criatividade, imaginação e exploração de mundo entre as crianças e, ainda, o resgate e a valorização das brincadeiras na infância.

O processo metodológico desse estudo foi fundamentado na pesquisa qualitativa, com abordagem da pesquisa-ação, baseados em (CHIZZOTTI, 2010). Nesse contexto, este estudo está organizado por um referencial teórico que apresentam estudos sobre o ser professor, dos significados da ação, bem como das práticas educativas, apresentando questões necessárias, aos professores. Nesse sentido, autores como: Leontiev, (1978); (Wajskop, 1995); Velasco, (1996); Elkonin (1998); Vygotsky (1991); Ortiz e Carvalho, (2012); entre outros autores que tratam sobre a Educação Infantil, bem como as relações do processo educacional e da aprendizagem das crianças.

Contudo, pretende-se, com esta pesquisa, não esgotar este estudo mas, favorecer para que este seja o início de novos estudos a respeito da cultura do brincar, dentro dos espaços escolares, uma vez que as brincadeiras estão sendo esquecidas, por muitas escolas, como uma forma de aprendizagem das crianças.

2 A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na atualidade documentos como as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil determinam que as interações e as brincadeiras são eixo do trabalho pedagógico, (BRASIL, 2010). Desse modo, é fundamental o seguinte questionamento: Por que o foco do trabalho pedagógico na Educação Infantil são as brincadeiras? Porque a criança necessita que a brincadeira faça parte de sua infância, pois através desse mundo que ela satisfaz seus desejos, necessidades e interesses mais particulares.

A principal atividade da criança é a brincadeira, pois esta ocupa a maior parte do seu tempo, além disso, as brincadeiras são fundamentais para o desenvolvimento infantil. Depois de explicitar o porquê de a Educação Infantil ter em seu currículo a brincadeira como eixo, então faz-se necessário indagar-se: como o desenvolvimento da criança ocorre por meio das brincadeiras?

Para responder essa questão é preciso enxergar a brincadeira como atividade principal da infância. Essa afirmativa se dá não apenas pela frequência de uso que as crianças fazem do brincar, mas principalmente pela influência que esta exerce no desenvolvimento infantil. Vygotsky (1991) ressalta que a brincadeira cria as zonas de desenvolvimento proximal e que estas proporcionam saltos qualitativos no desenvolvimento e na aprendizagem infantil. Elkonin (1998) e Leontiev, (1978) ampliam esta teoria afirmando que durante a brincadeira ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico infantil. Para estes autores a brincadeira é o caminho de transição para níveis mais elevados de desenvolvimento.

A partir desses aspectos, destaca-se que o desenvolvimento infantil ocorre por meio das interações, e como as brincadeiras se constituem como atividade principal da criança, logo as brincadeiras é a principal via de interação das crianças.

É preciso deixar de lado as velhas concepções, do senso comum, que alegam que a criança não é capaz de interagir com o outro, desde o seu nascimento e, ainda, que só consegue a partir de 2 ou 3 anos de idade. Tal concepção pode ser superada pelo simples fato de que, desde o nascimento, as crianças interagem com os adultos quando choram ou se comunica pela expressão do seu corpo e o adulto logo interpreta o que o bebê está querendo.

Assim, o indivíduo é essencialmente social, desde o nascimento e sua relação com o outro vai tornando-o experiente no sentido de ter consciência de si e do outro. Nesse sentido, ao tratar de interações, na Educação Infantil, entende-se que a brincadeira é a melhor, mais rica e mais significativa forma de promover a interação entre as crianças. Com isso, o brincar é o meio mais eficaz para o desenvolvimento infantil. Segundo Ortiz e Carvalho, (2012),

Brincando juntas um dia após do outro, as crianças vão descobrindo coisas que seus parceiros sabem e elas ainda não, coisas que sabem e seus parceiros ainda não é coisas que todos já sabem; com seus parceiros, elas descobrem ou inventam coisas que nenhum deles sabia antes e que passam a compartilhar (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 163).

De acordo com esta citação, pode-se inferir que é através da brincadeira que as crianças constroem suas relações, partilham seus significados de mundo com os outros, enfim constroem sua cultura. Nessa perspectiva é possível afirmar que o brincar é o alicerce para a construção da identidade infantil, visto que, brincar com seus pares é uma oportunidade para aprendizagens sociais.

Assim, as crianças se esforçam para interpretar o mundo e, são as brincadeiras que contribuem para a compreensão delas, mas, no entanto, a criança não é apenas uma reprodutora da cultura, ao brincar ela recria e reinventa a cultura, como explica a citação abaixo:

Por meio do brincar, a criança produz, mas também reproduz a sua realidade a partir de suas vivências, das interações com seus pares ou os adultos, mas também reitera elementos dos programas que assiste na televisão, das histórias que lhes são contadas ou que ela própria lê e também dos personagens dos seus personagens eletrônicos e também da leitura que vai fazendo das coisas que vive e do mundo. (ABRAMOWICZ, 2010 p. 46).

Depois da explanação, nos parágrafos acima, fica claro que a brincadeira desenvolve inúmeros conhecimentos para criança. Com isso, a criança aprende regras sociais,

compreende conceitos de gênero, desenvolve a linguagem, pois nas brincadeiras aprende a opinar e argumentar com seus pares, socializa-se, aprende a conviver em grupo e etc.

A oportunidade da brincadeira proporciona, à criança, conexões com ambientes que desenvolvam a resolução de problemas e criação de canais próprios de saída para momentos confusos que a rodeia. Além de culturalmente se apropriar de benefícios da interação, dos relacionamentos grupais e de comunicação consigo mesma e com os demais.

Do ponto de vista de Vygotsky, (1998, p. 97):

a brincadeira cria para as crianças uma zona de desenvolvimento proximal que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz.

Desse modo, as atividades lúdicas propiciam, à criança, a reprodução de situações vividas em seu cotidiano. Os fatos passados e as novas possibilidades de interpretação do real se combinam para representarem os eventos ocorridos, de acordo com suas necessidades, desejos e afeições. Nesse sentido, as brincadeiras tomam uma importância imensurável no desenvolvimento do raciocínio, da motricidade, do faz-de-conta que as crianças usam de forma tão natural quando estão brincando.

O brincar e o jogar não representam mais um passa tempo ou perda de tempo, mas uma forma de colocar a criança em contato com a realidade, aproximando-a de situações cotidianas, uma vez, que a criança pode se apropriar de linguagens e conhecimentos construídos nas brincadeiras que lhe servirão na consolidação de sua aprendizagem.

Além disso, pode-se observar que para as crianças, à medida que se desenvolvem fisicamente, os jogos e as brincadeiras se tornam agentes de sociabilidade, visto que essas atividades comuns aproximam e ensinam a sociabilidade, contribuindo para o respeito mútuo, bem como direciona as crianças para dividir tarefas, regras, espaços e, ainda, compartilhar dos mesmos anseios e sonhos.

Sabe-se que, além de contribuir tão beneficentemente no desenvolvimento, o brincar, para a criança, executa os impulsos conscientes e inconscientes que os impulsionam para a prática de atividades físicas mentais de muita importância, por ser desejo da criança, leva a ter mais atenção e concentração, proporcionando novas formas de pensar, criar e conhecer novas situações e possibilidades. Do ponto de vista de Velasco, (1996),

Brincando a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais ou intelectuais. Quando a criança não brinca, ela deixa de estimular, e até mesmo de desenvolver as capacidades inatas podendo ser um adulto inseguro, medroso e agressivo. Já quando

brinca a vontade tem maiores possibilidades de se tornar um adulto equilibrado, consciente e afetuoso (VELASCO, 1996, p. 78).

Nesse sentido, os benefícios que as brincadeiras proporcionam as crianças vão desde a conquista de experiência de vida até a sua identidade. É na verdade uma concepção eficaz para o desenvolvimento integral, como se pode perceber, além de contribuir na construção do conhecimento, é um elemento catalisador de sociabilidade, interação e afetividade.

O estudo das brincadeiras e do desenvolvimento infantil, tem suscitado debates e construção de novas concepções, por parte de teóricos que se envolvem com pesquisas sobre o desenvolvimento da criança e, ao longo dos séculos, foram sendo desenvolvidas concepções e práticas do jogar e brincar que consideram, não a aprendizagem de componentes de uma área do conhecimento, mas uma concepção que consolida o desenvolvimento integral da criança.

A partir desses aspectos, Vygotsky, 1984, p. 78, considera:

O desenvolvimento da complexidade da estrutura humana como processo de apropriação, pelo homem, da experiência histórica e cultural. Segundo ele, o organismo e meio exercem influência recíproca, portanto biológica e o social não estão dissociados. Nessa perspectiva, a premissa é de que o homem se constitui como tal através de suas interações sociais, portanto ele é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em determinada cultura. E por isso que seu pensamento costuma ser chamado de sociointeracionista.

Nesse sentido, as brincadeiras promovem inúmeras interações sociais, pois, elas são fundamentais para o desenvolvimento do sujeito. Desse modo, o ser humano passa por várias etapas de desenvolvimento e, são as atividades lúdicas que dão a possibilidade da criança interagir no espaço e com os adultos. No contexto social, a criança se manifesta através das primeiras brincadeiras que vão surgindo chamando a atenção dos adultos, como forma de cobrar mais atenção, mais afeto e, com isso, adquirir novos conhecimentos.

Em relação ao brincar, Vygotsky (1998) faz referência principal ao “faz de conta”. Para o autor, por meio das brincadeiras, as crianças comportam-se maior do que elas realmente são, pois, seu comportamento é determinado, fortemente, pelas situações concretas que elas vivem. Isso pode ser explicado pelo fato da criança brincar com um objeto e com a imaginação transformá-lo em outro, como cabo de vassoura vira cavalo, caixas viram carros entre outras tantas imaginações.

Outro aspecto importante, no mundo do faz de conta, a criança conduz ações, como se realmente estivesse no mundo real e consegue agir com significado. Assim, apesar da caixa não ser um carro, a criança realiza a ação como se realmente estivesse dirigindo um carro real,

atuando numa esfera cognitiva, pois, nessa brincadeira, a criança passa a reger suas ações pelo mundo das ideias e, não apenas, pelos objetos do exterior.

A ludicidade é uma rica possibilidade de chegar até a criança e, em parceria com ela, podem atingir um elevado e estimulador caminho para a afetividade. Nesse sentido, a criança constrói vínculos afetivos e trocas de experiências com a realidade por meio das fantasias. Isso colabora para que a criança se distancie dos seus medos, e rompam com o receio de explorar o desconhecido, estabelecendo uma conexão entre fantasia, imaginação e o real e, assim, possam construir a ideia do real e do imaginário.

Em resumo, as brincadeiras se constituem como peça fundamental para o desenvolvimento integral da criança, pois colabora com a construção da identidade infantil, portanto, colabora com o desenvolvimento dos aspectos emocionais, afetivos, sociais, cognitivos, intelectuais, enfim as brincadeiras colaboram na formação infantil em todas as dimensões humanas (BRASIL, 1993).

Há, no documento de orientação para o trabalho pedagógico do professor de educação infantil, uma visão de brincadeira que colabora com o desenvolvimento nos aspectos sociais, intelectuais, afetivos, físicos e etc. Nesse sentido, para embasamento teórico, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, (RCNEI), frisa que:

O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experiências que são diferenciadas pelo uso do material ou dos recursos predominantemente implicados. Essas categorias incluem: o movimento e as mudanças da percepção resultantes essencialmente da mobilidade física das crianças; a relação com os objetos e suas propriedades físicas assim como a combinação e associação entre eles; a linguagem oral e gestual que oferecem vários níveis de organização a serem utilizados para brincar; os conteúdos sociais, como papéis, situações, valores e atitudes que se referem à forma como o universo social se constrói; e, finalmente, os limites definidos pelas regras, constituindo-se em um recurso fundamental para brincar. (BRASIL, 1993, p.28).

Diante desses aspectos importantes, entende-se que as brincadeiras são experiências ricas que possibilitam às crianças, a construção de uma visão autônoma sobre o mundo natural e social. Que através da brincadeira e dos conhecimentos, que já possuem, as crianças possam reelaborar novos conhecimentos, que não se resumam a conhecimentos cognitivos, mas também sociais, afetivo e sobre o próprio corporal.

2.1 RESGATE E VALORIZAÇÃO DA CULTURA DO BRINCAR NA ESCOLA

Desde a antiguidade o brinquedo já era utilizado na educação, pois articulava-se a ideia de estudar ao prazer. Nesse sentido, Wajskop (1995, p. 19), diz que “na antiguidade, utilizava-se dados, assim como doces e guloseimas no formato de letras”. Dessa forma, o lúdico desde os tempos de Platão e Aristóteles já era utilizado, retratando assim uma visão do lúdico como ferramenta para a didática do professor.

Os trabalhos de Comenius (2011), Rousseau (2004) faz surgir uma nova concepção de infância, na qual a criança era vista como um ser ingênuo e que deveria ser protegida do mundo dos adultos. Para esclarecer melhor, essa questão, Wajskop (1995, p. 20), acrescenta que:

Essa nova concepção de criança é marcada pela ideia, como bem remarcou Brougère (1989), de um ser vinculado a uma verdade que lhe revela o sentido do mundo de maneira espontânea e cujo contato social ameaça destruir. A valorização da brincadeira infantil apoia-se, portanto, no mito da criança portadora de verdade, cujo comportamento verdadeiro e natural, por excelência, é o seu brincar, desprovido de razão e desvinculado do contexto social [...].

Tais concepções, contribuíram para o desenvolvimento de métodos específicos para a educar crianças, no qual se considerava o controle da vida da criança essencial para a sua educação. Assim, o binômio brincar e educar tinha um vínculo estrito, no qual a preocupação, na época, era com a saúde, a formação moral das crianças, pois isso, era visto como a solução de todos os problemas sociais (WAJSHOP, 1995).

Seguindo a lógica da sequência temporal, depois da concepção relatada nos parágrafos acima, a infância e o brincar sofrem mais uma mudança de concepção, agora instaurada por pensamentos filosóficos da época, Friedrich Froebel (1782-1852), Maria Montessori (1870-1909) e Ovide Decroly (1871-1932) que elaboraram pesquisas sobre o desenvolvimento de crianças pequenas. Esses estudiosos, instauraram uma nova concepção de infância e aprender, na qual defendiam uma educação sensorial, baseada na utilização de jogos e materiais didáticos, que servissem para educar e que possa considerar os instintos infantis.

No Brasil, a concepção de infância, enquanto categoria social, diferenciada do adulto em função de sua brincadeira, as concepções de Educação Infantil, sofreram as influências desses teóricos do final do século XIX e início do XX. As concepções de Froebel, Montessori e Decroly contribuíram para superar a visão tradicional de que a criança era um “adulto em miniatura” e, também, a elas não era lhes dado o direito de brincar. Desse modo, foi através de novas concepções, bem como do pensamento filosófico destes teóricos, que as brincadeiras foram sendo inseridas nas práticas metodológicas do docente da Educação Infantil.

Esse movimento de conceptualização da brincadeira na Educação Infantil no Brasil ocorreu após a década de 70, no qual baseava-se no tripé de que a partir de brincadeiras as crianças aprenderiam conteúdos como forma, tamanho, cor, assim como dominar movimentos corporais e etc. Porém, essas ideias não representam as concepções de Froebel, e demais teóricos, pois estes defendiam a brincadeira como meio da criança ser compreendida enquanto seres ativos, e não a brincadeira com um fim em conteúdo, como forma da criança acumular e progredir em seus conhecimentos (WAJSKOP, 1995.)

Ainda do ponto de vista de Wajskop, (1995), as concepções dos teóricos supracitados, foram distorcidas no Brasil. Para o autor,

Ao influenciar a história da pedagogia pré-escolar brasileira, a partir de sua entrada através de movimentos da Escola Nova, os pensamentos froebeliano, montessoriano e decrolyano têm-se transformado, principalmente após os anos 70, com a priorização dos programas de educação compensatório, em meros instrumentos didáticos. Observei, mais recentemente uma tendência das pré-escolas brasileiras em trabalhar com as crianças através da utilização de materiais didáticos, brinquedos pedagógicos e métodos lúdicos de ensino de alfabetização com fins em si mesmos, descontextualizando seu uso dos processos cognitivos e históricos experienciados pelas crianças. (Wajskop,1995 p.23)

Por meio desses aspectos, compreende-se que a didatização da atividade lúdica nas escolas, têm sido um fenômeno que restringe a brincadeira ao objetivo de garantir aprendizagem cognitivas por parte das crianças. Porém, é preciso resgatar a cultura do brincar na escola, em que esse brincar não seja visto apenas como meio para aprendizagem de conteúdos cognitivos.

Desse modo, é preciso que as instituições de Educação Infantil reflitam sobre suas concepções de infância e do brincar e, para isso, os docentes devem participar das discussões para a construção do Projeto Político Pedagógico da escola (PPP).

Para desdizer a questão abordada acima é preciso descobrir as relações entre o brincar para a cultura das “infâncias” e brincar para a escola. Assim, para os adultos está explícito uma concepção de brincar em que o adulto está sempre no papel de “comando” do brincar, ou seja, quando e com que vai brincar. Nesse sentido, o adulto se comporta como aquele que detém todo o poder sobre o brincar. No outro paralelo, está a criança, o sujeito que espera os ditos “comandos” a explicação das regras, tomada de posição do adulto para que se comece a brincar.

Num outro paralelo, refere-se, ainda, ao significado dado a criança para o brincar. Com isso, será que a criança conceptua o brincar como uma situação em que o adulto comanda, que existe alguém sempre a direcioná-la? As crianças são produtoras de cultura, por

isso, precisam ter espaço e protagonismo para o brincar, pois assim criam e reelaboram a cultura.

Nesse contexto, não se defende a exclusão do adulto nas brincadeiras, mas também não se defende que ele faça o papel de “condutor” de tudo no que se refere ao brincar das crianças. Defende-se, portanto, o brincar da cultura de pares, defendido por William Corsaro (2009), na qual a criança tem o direito de explorar, de imaginar, junto de seus pares, e o professor deve ser também esse par.

Desse modo, pode-se questionar: Brincando com seus pares a criança aprende? Talvez. Se essa pergunta tivesse sido dirigida aos professores da educação infantil, os mesmos teriam como resposta, que sim, a criança aprende com as outras, mas o professor exercendo um papel de mediador. É possível encontrar uma rejeição do fato que as crianças podem aprender brincando juntas, sem a ação do professor.

Em síntese, o segredo de brincar está na decisão das crianças, como diz Brougère, no interesse da criança, como aponta Dewey, na situação como atua Piaget, na situação imaginária, como assegura Vygotsky. Também se pergunta “isso ou aquilo? Ou o brincar ou o aprender?” Como questiona Cecília Meirelles. As crianças querem brincar e as escolas o aprender. Buscar a terceira via em que o brincar e o aprender, embora distintos, partilham de elemento comum o protagonismo infantil. (Kishimoto, 1997, p.9).

Nesse sentido, para o adulto, professor das instituições de educação, vale a ideia de que brincar e aprender são ações que podem ocorrer juntamente, porém é preciso prerrogativa para acontecer, e isto reside no simples e complexo fato de que a criança brinca e aprende quando quer e se interessa.

Pensando na questão do querer e do interesse da criança pelo brincar, emerge-se outra questão: o que as instituições de educação e os professores devem fazer para que a criança queira e se interesse pelo brincar? É preciso que esteja claro para a escola, bem como para os professores, que o trabalho pedagógico não deve ter como finalidade última, a aprendizagem de conteúdos, mas que eles buscam, pelo brincar, dar voz e protagonismo a criança, que valoriza suas escolhas, a imaginação e a criatividade, como afirma Kishimoto (1997, p.10) “a posição entre o brincar e o aprender se assemelham quando há clareza que é pelo brincar que se chega a outros conhecimentos”.

Para fortalecer as concepções entre o brincar e o aprender, Kishimoto (idem), diz que o brincar e o aprender tem a mesma raiz. É possível potencializar tanto como o outro, por meio de contextos culturais planejados, construídos em espaços adequados, materiais, interações que enriquecem e permitem as escolhas das crianças. Nesse patamar, a pesquisa

não defende que o protagonismo da criança exime a escola, e o professor de planejar situações e organizar espaços ou ambientes para brincar, aprender, muito pelo contrário, todos são responsáveis pela qualidade das brincadeiras da criança.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para a realização deste trabalho, foi necessário previamente fazer uma pesquisa para que fosse possível conhecer o *lócus*, bem como os sujeitos que estariam envolvidos na ação proposta. Neste sentido, esta foi uma pesquisa qualitativa, pois de acordo com Chizzotti, (2010, p. 221) “O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível [...]”, ou seja, o processo que se fez anteriormente à ação em si, com a busca de informações, a compreensão do contexto em que se encontra o campo da pesquisa.

A partir desses pressupostos, é possível saber que este tipo de pesquisa traz consigo diversas abordagens ou tendências que podem ser utilizadas para a realização da pesquisa, pois segundo Chizzotti (2010, p. 223) “[...] podem também ser designadas pelo tipo de pesquisa: pesquisa etnográfica, participante, pesquisa-ação, história de vida, etc.”. Nesse contexto, optou-se pela pesquisa-ação, pois este tipo de pesquisa permite que o pesquisador intervenha em uma problemática a partir de uma ação planejada.

Ressalta-se que a observação, para este estudo foi realizada numa instituição pública, mais precisamente, no Núcleo Infantil Pequeno Príncipe, localizado no município de Olho D’água das Flores /AL. Nesse sentido, a pesquisa contou com a participação de uma professora que acompanhava a turma do jardim I, com 20 crianças de 4 anos de idade, com o intuito de detectar as necessidades dos alunos e da professora com relação a falta do brincar em sala de aula, uma vez que a ludicidade é essencial ao mundo infantil, o faz de conta, e a importância para a aprendizagem de forma mais prazerosa.

Desta forma, para destacar a importância do brincar na educação infantil, bem como a sua influência nos aspectos psicomotores e sensoriais das crianças, Kishimoto ressalta que,

O brincar também contribui para a aprendizagem da linguagem. A utilização combinatória da linguagem funciona como instrumento de pensamento a ação. Para ser capaz de falar sobre o mundo, a criança precisa saber brincar com o mundo, com a mesma desenvoltura que caracteriza a ação lúdica. (KISHIMOTO, 1993, p. 148)

A pesquisa contou com a participação da professora no desenvolvimento das atividades lúdicas, com as crianças, no pátio da escola. O local contava com alguns brinquedos e outros objetos espalhados por toda parte para que os alunos pudessem fazer usos nos momentos de descontração e interação, durante as brincadeiras.

Desse modo, a pesquisa/ação foi concretizada, de forma muito significativa, a professora pôde observar a necessidade das brincadeiras no contexto escolar, os resultados obtidos foram satisfatórios, como descritos no tópico a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A investigação desta pesquisa foi voltada para o prazer da criança em relação ao brincar. Desse modo, durante este processo, foram registradas diferentes formas de brincadeiras realizadas pelas crianças, no ambiente escolar, como por exemplo: brincar com carro, com boneca, de desenhar.

Diante da intervenção as crianças ficaram bastante curiosas para descobrir, explorar, conhecer e vivenciar as novas brincadeiras, despertando a curiosidade. Diante de algumas brincadeiras, percebemos que eram novidades para elas, como por exemplo, a brincadeira da história da serpente, no momento da brincadeira perguntamos quem conhecia essa brincadeira e todas as crianças falaram que nunca tinham escutado e nem brincado. Inclusive uma criança falou que não queria brincar dessa brincadeira, perguntamos o motivo, e ela respondeu que não gostava e tinha medo de serpente. Nesse momento fomos explicar a brincadeira da serpente de maneira bem clara que foi brincando. Logo após todos brincaram, e ao termino perguntamos a criança aquela que não queria brincar do que ela tinha achado da brincadeira, e ela respondeu rindo que dessa serpente não tinha medo, pois era de mentira.

Percebemos, diante das descobertas que, as crianças se tornaram capazes de expressar sentimentos e emoções.

Deste modo, ao realizar esta pesquisa foi possível perceber que ao longo dos trabalhos desenvolvidos, as crianças participaram de diversas atividades focadas em jogos e brincadeiras. Dentre as atividades que foram realizadas com os alunos destacam-se: amarelinha, jogo do lego, história da serpente, balões coloridos, dança das cadeiras, cantigas de roda, boliche, brincando de engenheiro e modelagem. O objetivo de utilizar essas atividades, durante as práticas diárias, foi aliar os jogos e brincadeiras às demais atividades propostas, pela regente da sala, proporcionando, aos alunos, uma aprendizagem prazerosa, pois o brincar é fundamental para o nosso desenvolvimento. É a principal atividade das

crianças quando não estão dedicadas às suas necessidades de sobrevivência (repouso, alimentação, etc.) (MACEDO, PETTY & PASSOS, 2005, pág.13).

Durante as atividades propostas, os alunos se mantiveram interessados e atentos. Foi visível esse interesse, pois antes disso as crianças ficavam muito dispersas na sala de aula, andavam, gritavam, conversavam, brigavam muito. A escola oferece uma infraestrutura adequada, em partes. Porém, para a realização das atividades lúdicas não tem tanto espaço. A escola oferece bolas, bambolês, cordas, aparelho de som, pátio com parte de proteção solar.

Notou-se que o pátio foi o mais bem aceito pelas crianças que demonstraram prazer e entusiasmo em realizar atividades naquele local e principalmente porque foram brincadeiras direcionadas, onde perceber-se que não tinha esse hábito. Acreditamos que o espaço amplo do pátio favoreceu toda a estratégia das brincadeiras, por ser um espaço diferente da sala de aula.

Para compreendermos o entendimento da professora, da turma acompanhada, sobre a importância do brincar na Educação Infantil, obteve-se a seguinte resposta: *“nessa faixa de idade é essencial para descoberta do aprendizado”*. Diante da resposta da professora, percebe-se que na teoria ela valoriza o brincar na educação infantil, mas já na prática, até onde vimos, percebemos que ela se prendia aos livros didáticos e atividades xerocadas, onde as crianças na maioria das vezes ficavam sentadas da mesma maneira.

Diante da nossa intervenção, as crianças eram estimuladas através de momentos lúdicos, onde era possível perceber uma interação livre e espontânea entre elas, demonstrando satisfação na realização das atividades. Chegavam a relatar que ficar sentados nas cadeiras era ruim.

Percebemos que, na Educação Infantil, as crianças se relacionam e trocam conhecimentos, através das brincadeiras e atividades que realizam juntas. Vygotsky (1991), afirma que a construção de aprendizagem sempre inclui relações entre pessoas. Por isso, cabe ao professor promover ações que propiciem a troca de saberes entre as várias culturas que circulam pelo espaço da sala de aula. Através dos jogos e brincadeiras, as crianças estão aprendendo e se relacionando com as demais em um momento de alegria e descontração.

O momento que a professora queria trabalhar a ludicidade em sala de aula, era dando brinquedos para as crianças, onde podia perceber algumas preferências dos alunos por brinquedos específicos, como carro, boneca entre outros. Como nem sempre havia brinquedos disponíveis em quantidade suficiente, para que todos pudessem brincar ao mesmo tempo, era necessário, em determinadas situações, a intervenção da professora, para que as crianças não brigassem por brinquedos, já que tinham poucos para a quantidade de alunos. Esta se mostrava não tão dinâmica em relação à ludicidade.

Na maioria das situações, tivemos que intervir após a intervenção da professora, onde acontecia a troca de brinquedos entre as crianças de modo que todos pudessem brincar um pouco com cada um, aprendendo a dividir e a esperar o outro.

Para Vygotsky (2007), no brinquedo acontecem as maiores aquisições de uma criança, e são elas que se tornarão, no futuro, seu nível básico de ação real e moralidade. Desse modo o professor da Educação Infantil deve valorizar a cada dia as brincadeiras e jogos no ambiente escolar, dando liberdade à criança para a exploração de novos conhecimentos.

Apesar da pouca prática do brincar da regente da turma, fizemos com que as crianças explorassem o que elas mais gostam de fazer que é o brincar de maneira prazerosa e com objetivos através de cada brincadeira. Brincar é preciso, é por meio dele que as crianças descobrem o mundo, se comunicam e se inserem em um contexto social. A brincadeira, segundo Brougère (1998), supõe contexto social e cultural, sendo um processo de relações interindividuais, de cultura.

5 CONSIDERAÇÕES

Diante do que foi visto, foi possível detectar que as atividades lúdicas faz-se necessário na formação humana e que são vitais ao desenvolvimento geral do ser humano, pois executa como linguagem, meio de expressão e comunicação, utensílio de alegria e edificação do conhecimento. Nesse sentido, o brincar é um intermediário entre as etapas do desenvolvimento e de suas potencialidades. O direito de brincar para o aprimoramento e aquisição de habilidades e competências.

Nas brincadeiras, as crianças estão aprendendo a acordar estratégias, a resolver problemas promovendo a interação interpessoal levando a conhecer um conjunto de normas sociais e, com isso, explorando o mundo. A brincadeira vai além do brincar, pois, realiza um vínculo entre o real e o imaginário, facilitando no desenvolvimento cerebral, na construção da linguagem verbal na autonomia, proporcionando o desenvolvimento da imaginação concentração, memória e das áreas de personalidade humana.

Percebe-se que as atividades escolares, de modo geral, devem ocorrer a partir de interações entre professores e alunos, sendo estas atividades impossíveis de serem preparadas só pelos professores, sem que sejam levados em consideração a própria aprendizagem e a alegria de poder finalizar as atividades com êxito por ambas as partes.

Na educação infantil, a criança deve brincar e interagir com os demais, pois, neste momento das brincadeiras, a criança se desenvolve e constrói seu conhecimento de mundo.

Dessa forma, cabe ao professor da educação infantil exercer sua profissão com amor e responsabilidade e no planejamento deixar a criança explorar o que ela mais sabe e mais gosta de fazer que é o brincar.

Nesta pesquisa, conclui-se que é fundamental aperfeiçoar as metodologias colocadas na sala de aula da educação infantil, sempre dando ênfase na importância do brincar, pois o brincar é inerente a cultura da infância e para que tenha qualidade é necessário, que a escola tenha em sua concepção as atividades lúdicas como principais fundamentos para o desenvolvimento infantil.

Portanto, diante dessas concepções é necessário que as crianças brinquem de diversas maneiras em grupo, sozinhas, com atividades espontâneas, pois o mais importante é saber que essa ação está desenvolvendo uma evolução individual.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, A. Especial sobre a infância. **Revista sociologia**, São Paulo, scala, nº17, ano 2, p. 44-47.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Referencial Curricular para a Educação Infantil: conhecimento do mundo**. Brasília: MEC, SEB, 1993.

BROUGÈRE, G. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2 ed. São Paulo, Cortez, 2010.

COMENIUS, J. A. **A escola da infância**, São Paulo, Unesp Editora, 2011.

CORSARO, W. A. **Reprodução interpretativa e cultura de pares**, São Paulo, Cortez, 2009.

ELKONIN, D. **Psicologia do jogo**, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos tradicionais infantil: O jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: Vozes 1993.

KISHIMOTO, T. M. **Brincar é para todos: um tema em oito abordagens**. Caderno brincar, Fundação Volkswagen, p. 6-19, 1997)

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa, Livros Horizonte, 1978.

MACEDO, L; PETTY, A. L. S; PASSOS, N. C. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ORTIZ, C; CARVALHO, M. T. V. Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação. São Paulo: Blucher, 2012.

ROUSSEAU, J. J. Emílio ou Da Educação. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VELASCO, C. G. **Brincar, o despertar psicomotor.** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo, Martins fontes, 1984.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo, Martins fontes, 1991.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo, Martins fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WAJSHOP, G. **Brincar na pré-escola.** São Paulo: Cortez, 1995.